

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: 208

Data: 16.02.81

Pg.: \_\_\_\_\_

# 190 PARA ATRAIR OS ÍNDIOS MAIS VALE A LAVOURA DO QUE O NAMORO

**B**RASÍLIA — Os trabalhos de atração dos índios Waimiri-Atroary, que habitam a região cortada pela Rodovia Manaus — Caracará, no Estado do Amazonas, se revestem de características totalmente diferentes das normalmente utilizadas pelos sertanistas e vêm alcançando pleno êxito, segundo a Funai, com os índios recorrendo, com bastante frequência, aos postos de vigilância espalhados em diversos trechos da rodovia.

Essa técnica, introduzida após o ataque que os Waimiri-Atroari fizeram ao posto indígena Abonari II, onde foi morto o sertanista Gilberto Pinto de Figueiredo Costa, consiste em fazer com que os índios sejam atraídos para os postos de vigilância, através das lavouras ali existentes, ao contrário do método tradicional, quando os sertanistas se dirigem às aldeias e colocam brindes em tapiris armados em suas proximidades, num processo que eles mesmos denominam de "namoro".

Os Waimiri-Atroari são índios do tronco lingüístico Karib que habitam áreas banhadas pelos rios Japatu, Uatuma, Urubu, Tarumaacu, Cujeiras, Apuau, Curiaú, Jauaperi (com seus afluentes Alalaú, Muranaú, Branquinho e Macucuaú) e Branco (especialmente seu afluente Anauá). A área desses índios é cortada pela rodovia BR-174 (Manaus — Caracará) e, ao contrário do que muitos previam, até hoje não ocorreu qualquer incidente entre os que trafegam pela estrada e os índios. Isso, devido ao esquema montado pela Funai, que mantém na área equipes volantes percorrendo constantemente a rodovia. No caso de qualquer defeito em um veículo, essa equipe presta o socorro necessário a fim de que o mesmo se retire da área indígena o mais rápido possível. Por outro lado, os ataques dos Waimiri-Atroari às frentes de atração da Funai, que eram constantes até dezembro de 1974, nunca mais ocorreram.

Outras frentes de atração, além de postos encarregados de consolidar os contatos já estabelecidos com tribos

indígenas ainda arredias, estão atuando na selva Amazônica, agrupando mais de 150 homens, sob o comando de experientados sertanistas.

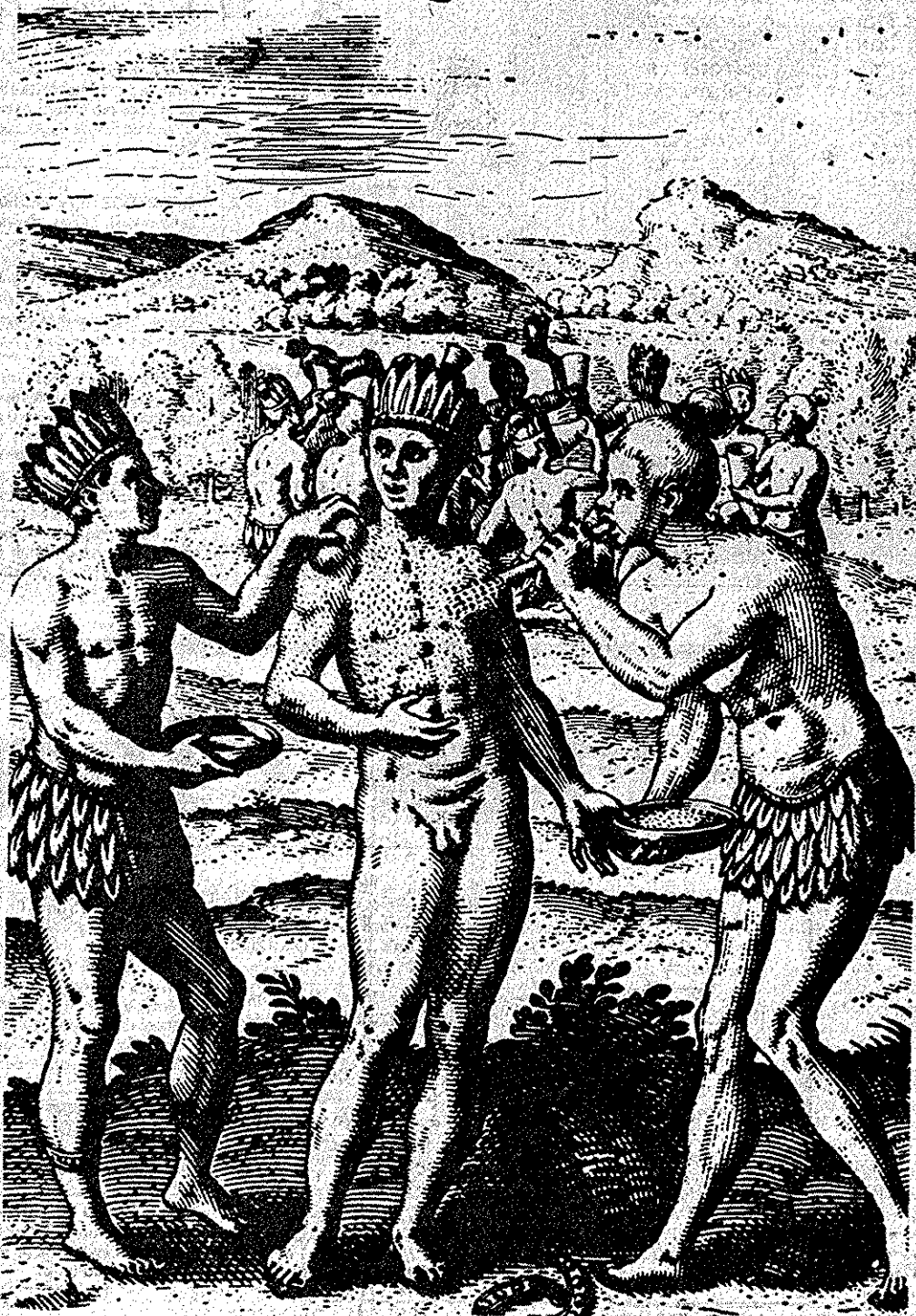
A maior concentração de frentes de atração está no Território Federal de Rondônia, onde vivem os uru-eu-wau-wau, os karipunas e os zoros, que já se tornaram famosos pelas incursões e pelos conflitos, com mortos e feridos, na área. Para cada um desses grupos, a Funai destacou sertanistas de larga experiência: assim, Apoena Meireles e José do Carmo Santana são os responsáveis pela frente de atração dos uru-eu-wau-wau; Adão Pereira Nunes chefia o grupo que busca contatar os karipunas, enquanto dos zoros se encarrega Pero da Silva.

No Território de Roraima, onde vivem os índios yanomamis, o sertanista Francisco Bezerra de Lima tem uma frente de atração a seu cargo. No Pará, Sidney Possuelo procura atrair os araras. No Amazonas, no Município de Atalaia do Norte, funciona um posto de atração dos marubos, que ainda se mostram arredios na região.

Outros postos de atração, como os de Curuca, São Luís e do Igarapé Lobo, na área da ajudância dos Solimões, no Amazonas, com grupos Marubo, Kanamari e Mayuruna, já estão com os contatos consolidados. Ainda no primeiro semestre deste ano, os postos serão transformados em permanentes, a fim de que se iniciem com mais efetividade os trabalhos de educação e assistência sanitária àqueles grupos tribais.

O trabalho do sertanista requer, segundo os técnicos da Funai, além de larga experiência no trato com os indígenas, "grande dose de paciência e coragem". Muitas vezes, a atração de um grupo tribal pode levar anos para obter o êxito desejado. Francisco Meireles, levou seis anos para pacificar os Xavantes em 1946.

A atração começa com a localização da aldeia. O sertanista dirige-se para as suas proximidades, acompanhado de mateiros, auxiliares de enfermagem e índios intérpretes. Todos têm consciência do perigo que estão corren-



do, pois vão entrar em área indígena onde a reação dos donos da terra é imprevisível. Todos atuam com o lema de Rondon: "Morrer se preciso for, matar nunca".

Quase sempre os índios testam as reações dos sertanistas, atirando flechas, mas os membros da frente de atração não reagem. Ao contrário, colocam brindes nos tapiris, para demonstrar que estão em missão de paz.

Alguns grupos retiram os brindes e deixam outros, por eles confeccionados, como sinal de amizade. Outros destroem os brindes encontrados nos tapiris, tais como panelas, terçados, facas, machados etc., demonstrando não desejar o contato.

Atualmente, a Fundação Nacional do Índio, seguindo orientação do Ministério do Interior, só mantém novos contatos com grupos tribais ainda arredios quando frentes pioneiras de penetração se aproximam das terras por eles habitadas, pondo em risco a sua segurança.

A primeira medida tomada pela Funai, após consolidado um contato, é vacinar todos os índios, pois eles não possuem anticorpos contra as doenças comuns aos homens brancos. Paralelamente, os índios vão aprendendo, no posto de atração, técnicas mais modernas de plantio e recebem, também, alimentos necessários à sua subsistência, enquanto plantam novas roças.

Com o passar dos anos, os índios vão aprendendo a falar o português e, quando já atingem um certo grau de aculturação, a Funai elabora projetos de desenvolvimento comunitário, após ouvir as lideranças das aldeias. De acordo com esses projetos, onde os índios recebem assistência técnica e, quando for o caso, máquinas e implementos agrícolas, o excedente da produção não utilizado para a subsistência do grupo é vendido e a renda revertida para a comunidade, que com ela adquire bens não produzidos internamente. Na comercialização do excedente o chefe dos postos apenas orienta os índios, para que não sejam enganados por exploradores.